

Outro dia seguinte

Atravessasse o País uma fase de transição ordenada e a aprovação da Carta, por 403 votos contra 13 e 55 abstenções, seria apreciada apenas como êxito de natureza técnica, resultante de método simplificado. Seria o detalhe surpreendente, que cede sua maior expressão à força de resposta impactual ao ataque sofrido na véspera, vindo do Palácio do Planalto, em trincheira no outro lado da rua.

O fato devassa o acúmulo de tensões e de lutas intestinas na fervura em torno do Poder e na difícil desculpa perante um eleitorado perplexo e apto à vingança do que lhe fazem. Ao invés de soar em tons benéficos, o fragor suscita queixa de censura na divulgação televisiva e radiofônica da fala do presidente da Constituinte, empurra ministros à demissão, materializando o rompimento do PMDB com o presidente da República, e conturba o PFL. Abala, assim, os esteios partidários, de si fragmentados, do Executivo no Legislativo. O líder pefelista, deputado José Lourenço, dimensiona a contenda interna, que estica a externa, pelo desabafo: "Acabou de surgir um Governo paralelo: agora temos o Governo de Sarney e o Governo de Ulysses Guimarães." Em seguida, ignorando-o no Governo de Sarney, o presidente nacional do mesmo PFL, senador Marco Maciel, empreende visita solidária a Ulysses.

São distintos os lados da crise. Separá-los e julgá-los nas devidas faixas produziria boa margem de compreensão do que se salva, após a atitude da Constituinte. O presidente Ulysses tornou

límpida a estratégia para o projeto que desliga os estágios queimados na manobra: "Inevitavelmente, abriga imperfeições, previamente previstas (sic) com a instituição de um segundo turno revisionista e pelo número de emendas e destaques apresentados. Existem, reconheço, e vamos corrigi-las."

Por conseguinte, façam seu jogo os interessados em modificar artigos ou aboli-los. Os condutos democráticos continuam abertos aos lobbies, aos acordos, aos esforços para demover os recalitrantes radicais, donos da arma do voto e teimosos na subserviência aos dogmas ideológicos. O mundo se ilumina por nova aurora e o sol dá para todos. Depende de senso para se redimir o Brasil do atraso em que se encontra.

Sobre aquilo que se consumou é que o presidente da Assembléia arrisca batismo de uma Constituição cidadã. Muito indivíduo, porém, se chama Ruy Barbosa sem talento para honra do uso onomástico. Outros receberam o nome de Hitler e Mussolini, sob entusiasmo paterno que, face aos modelos no declínio e em sua inconveniência, tiveram que trocar a identidade. Somente a vida e o que dela se fizer confirmam a intenção, em sua esperança sempre teórica.

A Constituinte emitiu seu desagravo da ofensiva palaciana. Festeja o gesto e louva a própria obra. Pois sensibilize-se ao epílogo, julgando os destaques e as revisões já menos pesadas de recalques. O Brasil precisa, com urgência, saber para onde vai. Por enquanto, só sabe como está. E está passando muito mal.

